

TEMPO PASCAL E PENTECOSTES

«O Espírito vem em socorro da nossa fraqueza; porque nós não sabemos o que pedir para orar como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis e Aquele que sonda os corações sabe qual é o desejo do Espírito e que a Sua intercessão a favor dos santos corresponde aos desígnios de Deus».

(S. Paulo aos Romanos)

«Pois que fostes ressuscitados com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Procurai as coisas do alto, não as da terra.

Porque vós estais mortos e a vossa vida está, de ora em diante, escondida, com Cristo, em Deus: quando Cristo se manifestar, Ele, a Vossa Vida, então também vós aparecereis, com Ele, em plena glória.

Mortificai, pois os vossos membros terrestres... Vós vos despojastes do velho homem, com os seus actos e vos revestistes do novo, daquele que caminha para o verdadeiro conhecimento, renovando-se à imagem do seu Criador. Aqui não há questão nem de Grego nem de Judeu, de circuncisão, ou de incircuncisão, de Bárbaro, de Cita, de escravo ou de homem livre: não há senão Cristo, que é tudo em todos».

(S. Paulo aos Colossenses)



Todo o mundo, desde o primeiro pecado que nele se cometeu até à hora da Ressurreição de Jesus, viveu na expectativa da sua redenção. Esta realiza-se pela Morte e Ressurreição do Senhor, que nos trazem a total vitória sobre Satanás e o seu império de pecado e de morte.

A festa da Páscoa é a celebração litúrgica da vitória do Senhor Jesus, dando-nos a possibilidade, a cada um de nós, de participarmos na graça dessa mesma vitória. A graça pascal é, por isso, a graça da Redenção, ou, como diz S. Paulo, é uma «*criação nova*» (2 Cor. 5,17) «*liberta do pecado, vivendo em Deus*». (Rom. 6,11).

Justamente a Igreja chama à festa da Páscoa a «*solenidade das solenidades*», «*o dia que o Senhor fez*», e prolonga este dia por uma *oitava*, a mais solene do ano, a semana pascal, e ainda por todo o *tempo pascal*, até ao Pentecostes. O *tempo pascal* é o tempo da acção de graças, da alegria da libertação em Cristo, do contacto mais próximo com as realidades do Espírito, e da preparação, feita de pureza e de amor, para receber o dom do Espírito Santo que vai descer. Aquela *nova criação*, que em Cristo ressuscitado regenera o mundo, é fruto de *especial presença do Espírito de Deus*. Por isso, o Senhor Jesus subiu ao céu, na Ascensão, *para nos enviar o Seu Espírito*, o Espírito Santo, no 50.º dia após a Páscoa, no dia de Pentecostes. (Na linguagem do tempo de Jesus, o grego, *pentecosté*, significa *quinquagésimo*).

A festa de Pentecostes completa a da Páscoa, como o mistério do Espírito de Deus comunicando-se ao mundo dos homens, completa o mistério de Cristo, morto e ressuscitado por eles.

A descida do Espírito Santo inaugurou publicamente a *Santa Igreja*, que Jesus viera formando ao longo de toda a Sua vida e que nasceu do Seu lado aberto na Cruz — Nova Eva nascida do lado do novo Adão adormecido — na figura do sangue e da

água, figuras que as realidades sacramentais da Eucaristia e do Batismo encheriam de sentido total. A descida do Espírito Santo estabelece, pois, na terra, o *Reino do Espírito*.

O Espírito Santo, terceira Pessoa de Deus — Trindade, é o Poder misterioso e onnipotente de Deus, que manterá na terra, até que Jesus volte, o Seu Reino; é o Amor de Deus comunicando-se aos homens, em graça e salvação e que lhes há-de abrir os corações, para aceitarem o Seu Filho; é a Sua divina Sabedoria, que há-de despertar em todos «os de boa vontade», aquele esquisito *sabor* das «coisas do alto», que lhes fará prostergar «as que estão sobre a terra». (Col. 3,1-2).

A Santa Igreja é o Reino de Deus, o Reino dos céus, semeado entre os homens; mas, em última análise, Reino que não nasce senão de semente vinda do céu e que só se desenvolve à luz e ao calor do Espírito de Deus, o Espírito Santo. Desta sorte, desde a descida do divino Espírito, no dia de Pentecostes, o *Reino de Deus* neste mundo é *Reino do Espírito*.

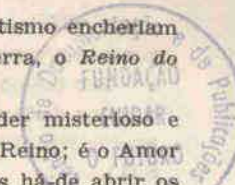
O tempo litúrgico que vai de Pentecostes ao Advento quer fazer-nos viver, em especial, esta permanência na terra, do Reino de Deus, que o Senhor Jesus nos trouxe e agora se mantém no mundo por ação do seu Espírito.

Este tempo litúrgico é a imagem de toda a peregrinação terrestre da Igreja, como é a imagem da vida de cada um de nós.

É o tempo do grande *testemunho*, que a Igreja e cada um dá ao mundo de que a Obra de Jesus é fruto do Espírito de Deus. (Act. 1,8).

É o tempo da grande *vitória*, a única que vence o mundo, como Cristo venceu o mundo — a da nossa fé (1 Jo. 5,4).

É o tempo da grande *paciência*, porque a vitória da nossa fé, como a de Jesus,



Fundação Cuidar o Futuro

sendo vitória aos olhos de Deus (os únicos que a julgam na verdade!), é, no entanto, perante o mundo, humilhação, sofrimento e morte.

É o tempo da grande *esperança*, — que a liturgia traduz pela cor verde — porque o Reino de Deus, que só um dia, na glória, será verdade experienciada, anda já, desde agora, semeado em nossos corações, pelo Espírito de Deus, que neles habita. (Rom. 8,11).

O *tempo depois de Pentecostes* ocupa quase metade do ano. Não aparecem nele especiais festas do ciclo cristológico. O ritmo do tempo é agora indicado apenas pela celebração do 1.º dia da semana, o *domingo*. Nele, a *celebração da Eucaristia* é a presença semanal da Páscoa da Redenção.

A *doutrina catequética* já não é seriada em ciclos, como no Advento, na Quaresma ou no Tempo Pascal, mas cada domingo nos põe em presença deste ou daquele ponto da doutrina do Senhor, para nos ensinar, despertar, encorajar, para manter em nós vigilante a lâmpada da Fé, da Esperança e do Amor, «até que Ele volte». (1 Co. 11,26).

Os últimos domingos colocam-nos em face do Senhor que volta, no fim dos tempos, a libertar definitivamente a Sua Igreja para a entregar, salva e gloriosa como troféu da Sua Vitória a Seu Pai.

Uma calma e serena luz de entardecer ilumina as missas dos *últimos domingos* depois de Pentecostes, em pleno outono. O Anjo dissera a Nossa Senhora, na hora da Anunciação: «O Seu Reino não terá fim». (Luc. 1,33) .E eis que o tempo chega a seu termo, mas projectando-se na eternidade...

O Senhor, justo Juiz de todos os homens e de todos os tempos, chama-os a juízo de salvação: «Vinde, benditos de meu Pai...» (Mat. 25,34).

E o Espírito e a Esposa (a Igreja) clamam: «Vinde, Senhor Jesus» (Apoc. 22,17 e 20).